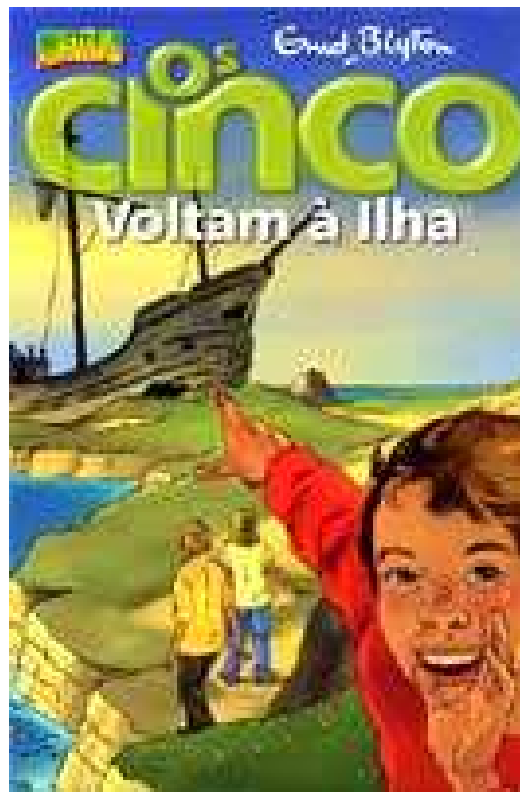


# OS CINCO VOLTAM À ILHA

ENID BLYTON

Série Os Cinco - 3



<http://groups.google.com/group/digitalsource>



## Índice

CAPÍTULO I - FÉRIAS GRANDES .....	5
CAPÍTULO II - A FAMÍLIA STICK .....	14
CAPÍTULO III - UM TREMENDO SUSTO .....	24
CAPÍTULO IV - UMA MANCHEIA DE RALAÇÕES .....	33
CAPÍTULO V - NO MEIO DA NOITE .....	41
CAPÍTULO VI - JÚLIO DEFRONTA-SE COM OS STICKS ..	49
CAPÍTULO VII - BOAS NOTÍCIAS .....	59
CAPÍTULO VIII - O PLANO DA ZÉ .....	66
CAPÍTULO IX - UMA NOITE EMOCIONANTE .....	75
CAPÍTULO X - DE NOVO NA ILHA KIRRIN .....	82
CAPÍTULO XI - NO VELHO BARCO NAUFRAGADO .....	89
CAPÍTULO XII - A GRUTA DOS PENHASCOS .....	97
CAPÍTULO XIII - UM DIA NA ILHA .....	104
CAPÍTULO XIV - INCIDENTE DURANTE A NOITE .....	112
CAPÍTULO XV - QUEM É QUE ESTARÁ NA ILHA? .....	121
CAPÍTULO XVI - OS STIKS APANHARAM UM SUSTO ....	128
CAPÍTULO XVII - EDGAR NÃO SE SENTE MUITO SEGURO	136
CAPÍTULO XVIII - UM PRISIONEIRO INESPERADO ....	145
CAPÍTULO XIX - UM GRITO NA NOITE .....	154
CAPÍTULO XX - AS CRIANÇAS SALVAM A MENINA .....	161
CAPÍTULO XXI - UMA VISITA AO POSTO DA POLÍCIA .	171
CAPÍTULO XXII - REGRESSO à ILHA KIRRIN .....	181

## CAPÍTULO I

### FÉRIAS GRANDES

- ZÉ, meu amor, sossega e senta-te aí a fazer qualquer coisa, - disse a mãe da Zé, pacientemente. - Tens andado num reboiço para dentro e para fora do quarto com o Tim e não me deixas descansar.

- Desculpe, mãezinha - respondeu Maria José, agarrando na coleira do cão. - Mas sinto-me tão só sem ver os outros... O dia leva tanto tempo a passar... Há três semanas que não os vejo!

A Zé frequentava um colégio interno, com a sua prima Ana, e, nas férias, as duas raparigas e os dois irmãos de Ana - Júlio e David - costumavam juntar-se e divertiam-se imenso.

Agora, havia três semanas que tinham começado as férias grandes. Ana, David e Júlio estavam em viagem com os pais; a Maria José ficara em casa, pois o pai e a mãe queriam-na junto deles.

Mas já faltava pouco para as brincadeiras recomeçarem. Os três primos iriam chegar no dia seguinte e ficariam com ela, até ao fim das férias, na sua velha casa, o Casal Kirrin.

- É tão bom que eles cheguem - disse a Zé, nome por que todos a conheciam, e ao seu cão Tim. - Tão bom, Tim. Não achas?

- Uf! - respondeu este, lambendo o joelho da rapariga.

A Zé estava vestida, como sempre, exactamente como um rapaz, de calções e uma camisola grossa.

Sempre quisera ser um rapaz e nem sequer respondia quando a tratavam por Maria José. Era por isso que todos lhe chamavam Zé. Estas primeiras semanas das férias grandes, sem os primos, tinham-lhe custado muito a passar.

- Eu dantes pensava que gostava de estar sozinha, - continuou a Zé a conversar com o Tim, que parecia sempre compreender as suas palavras. - Mas vejo agora que era uma estupidez. É tão agradável estar com outros, e criar amigos!

Tim abanou a cauda. Ele também gostava de conviver com as crianças e sentia muito a falta de Júlio, Ana e David. Zé levou o Tim para a praia. Pôs as mãos em pala sobre os olhos para se proteger do sol e olhou para a entrada da baía. A meio desta, como que a guardá-la, via-se uma pequena e rochosa ilha, onde se erguiam as ruínas de um velho castelo.

- Logo que os primos cheguem, temos de te visitar, Ilha Kirrin, - murmurou a

Zé gravemente. - Ainda não te fui ver este Verão, mas só porque o meu barco está a arranjar... Não tardará a estar pronto, e, depois, vamos lá todos. Voltaremos a percorrer o velho castelo de ponta a ponta. Tim... - continuou ela, para o cão - lembraste das aventuras do Verão passado na Ilha Kirrin?

Tim lembrava-se muito bem, pois também tomara parte nas excitantes aventuras. Descera com os outros aos subterrâneos do castelo; ajudara-os a descobrir lá um tesouro e divertira-se ainda mais do que as quatro crianças de quem tanto gostava.

- Estás a lembrar-te, não é verdade, Tim? - perguntou a rapariga, acariciando-o. - Temos de lá voltar todos juntos! E voltaremos a descer aos subterrâneos. Combinado? E, é verdade, lembraste de como o David desceu pelo poço para nos salvar?

Era tão bom recordar todas as coisas que tinham feito no Verão passado! O pior era que essas recordações a faziam sentir-se ainda mais só. E o dia custava tanto a passar!...

- Gostava tanto que a mãe nos deixasse ir passar uma semana à ilha, - pensou Zé. - Isso é que seria divertido! Viver na minha própria ilha!

A ilha era da Zé. Ou antes, era de sua mãe, mas esta, dois ou três anos antes, dissera que a Maria José podia ficar com ela e agora a pequena pensava que era verdadeiramente sua. Julgava seus todos os coelhos que lá viviam assim como todos os pássaros e tantos outros bichos.

- Quando os outros chegarem, proponho que passemos lá uma semana - pensou excitadamente. - Levamos comida e tudo o resto, e ficamos lá sozinhos. Faremos exactamente como o Robinson Crusóé”.

No dia seguinte foi esperar os primos à estação, guiando ela própria o pônei e a charrette. A mãe também pensava ir, mas, como estava adoentada, resolveu ficar em casa. A Zé ficou bastante preocupada por causa dela.

A mãe andava há bastante tempo adoentada! Talvez fosse o calor do Verão. Fazia tanto calor! O céu mantinha-se tão azul e o sol brilhava tão alegremente, dia após dia, que nem uma brisa soprava para refrescar o ar quente daquele recanto privilegiado.

A Zé andava muito queimada do sol e os seus olhos azuis sobressaíam saudavelmente no tom escuro da pele. Cortara o cabelo ainda mais curto que de costume e, na verdade, era difícil perceber se era rapariga ou rapaz.

O comboio entrou na estação. Três mãos acenaram freneticamente de uma janela e Zé correu a gritar de satisfação :

- Júlio! David! Ana! Até que enfim!

As três crianças saltaram precipitadamente da carruagem. Júlio chamou um carregador.

- As malas estão no corredor. Olá, Zé! Estás boa? Cresceste imenso!

- A verdade era que todos tinham crescido ' muito. Contavam mais um ano depois das primeiras aventuras na Ilha Kirrin. A própria Ana, a mais nova de todas, parecia já uma senhorinha.

Abraçaram-se, muito comovidos, e Tim, louco de alegria por tornar a ver os seus amiguinhos, desatou a pular e a lamber as mãos e pernas de todos.

A barulheira era ensurdecadora. Gritavam. com exclamações de alegria, tentavam contar ao mesmo tempo todas as novidades do último ano, e Tim, ladrando de contentamento, juntava-se ao coro.

- O comboio não havia meio de chegar!

- Tim, meu velho, não mudaste nada!

- Uf! Uf! Uf!

- A mãe teve muita pena de não poder vir esperá-los...

- Zé, estás tão queimada! Vamos divertir-nos tanto!

- Uf! Uf!

- Cala-te, querido Tim, e deita-te; já me arrancaste quase a gravata. Estou tão contente por tornar a ver-te!

- Uf! Uf!

O carregador não tardou a trazer a bagagem e a metê-la na charrette. Zé deu uma ordem e o pônei começou a trotar alegremente pela estrada poeirenta. Os cinco, apertados no pequeno carro, não cessavam de falar aos berros e ninguém se entendia.

- Espero que a doença de tua mãe não seja de cuidado, - disse Júlio, que estimava muito a tia Clara, tão generosa e boa, e que gostava tanto de os ter lá em casa.

- Julgo que é do calor, - respondeu Zé.

- E o tio Alberto? - perguntou Ana. - Está bom?

Nenhuma das três crianças simpatizava muito com o pai da Zé, por ser muito irascível e, embora não se importasse que os sobrinhos fossem passar o Verão lá em casa, a verdade é que gostava pouco de crianças. Por isso, não se

sentiam muito à vontade junto do tio e divertiam-se mais quando ele estava ausente.

- O pai está bom, - disse Zé, alegremente. - O que anda é preocupado por causa da mãe. Parece dar-lhe pouca importância quando ela está bem e satisfeita, mas logo se aflige se ela não se sente bem. É melhor não o aborrecermos muito, pois já sabem como ele é quando anda ralado.

Os primos sabiam-no bem. Era melhor evitar o tio Alberto sempre que não andasse bem disposto. Mas, hoje, nem sequer o pensamento de um tio rabugento os podia calar. Estavam em férias. iam a caminho do Casal Kirrin! Viam-se perto do mar, o velho Tim vinha ao lado deles e anteviam milhares de divertimentos de toda a espécie à sua espera!

- Podemos ir à Ilha Kirrin, Zé? - perguntou Ana. - Temos de lá ir! Há já um ano que lá não vamos. No Inverno e nas férias da Páscoa não foi possível por causa do mau tempo. Mas agora...

- Claro que iremos - disse Zé, com os olhos azuis a brilharem muito. - Sabem o que eu pensei? Que seria maravilhoso ir lá passar uma semana inteira... sozinhos! Agora já somos mais velhos e tenho a certeza de que a mãe nos deixará ir.

- Passar uma semana na tua ilha! - exclamou Ana. - Não posso acreditar! Seria magnífico!

- Na nossa ilha, - emendou Zé, muito feliz. - Não te lembras de eu te dizer que queria dividir a ilha em quatro parcelas, uma para cada um de nós? Estava a falar a sério. É nossa e não minha.

- E o Tim? - perguntou Ana. - Também lhe devias dar um quinhão. Não seria melhor dividi-la em cinco partes?

- Não vale a pena. Pode ficar na minha parte, - disse a Zé, como se já tivesse pensado no assunto. Parou o pônei à beira da estrada, e as quatro crianças e o cão olharam para a baía que se estendia lá em baixo, tão azul...

- Ali está a Ilha Kirrin, - disse a Zé. - A nossa querida ilha! Estou ansiosa por visitá-la. Ainda lá não fui este ano por ter o barco a arranjar.

- Assim, iremos todos juntos, - disse David. - Gostava de ver se os coelhos ainda estão tão mansos como no ano passado.

- Uf! - latiu logo Tim; bastava-lhe ouvir a palavra "coelhos" para se excitar todo.

- Bem podes tirar da idéia isso de perseguir os pobres coelhos da ilha! Já sabes que não te consinto, Tim!

A cauda de Tim baixou-se tristemente e o cão olhou para Zé, desapontado. Era a única coisa em que Tim e Zé não se entendiam. Tim estava firmemente convencido de que os coelhos tinham sido criados para ele correr atrás deles; e a Zé, por sua vez, estava firmemente convencida do contrário.

- Vamos! - gritou a Zé para o pónei, sacudindo as rédeas.

Continuaram a rodar para o Casal Kirrin e, minutos depois, encontraram-se em frente do grande portão da quinta. Uma mulher com cara de poucos amigos veio ajudá-los a levar as malas. As crianças não a conheciam.

- Quem é? - perguntaram baixinho à Zé.

- É a nova cozinheira, - informou. - A Joana teve de se ir embora para tratar da mãe, que partiu uma perna, de maneira que temos agora esta. Chama-se Stick.

- Não gosto nada da cara dela. Espero que a Joana volte; era sempre muito boa para o Tim e gostava imenso de nós.

- A cozinheira Stick também tem um cão, - informou a Zé. - Um bicho horrendo, mais pequeno que o Tim, e sempre muito sujo e mal tratado. O Tim detesta-o.

- Onde está esse fenómeno? - perguntou a Ana, olhando em volta.

- Está sempre metido na cozinha e o Tim nunca se aproxima, - explicou a Zé. - E é boa idéia, pois estou certa que lhe daria uma tremenda sova se o nojento bicho se metesse com ele!

Os outros riram-se. Júlio ajudara a cozinheira a levar as malas e, quando regressou, entraram todos para ir cumprimentar o tio e a tia.

- Olá, rapaziada! - A tia Clara recebeu-os cordialmente, sorrindo muito afável, sem se levantar do sofá onde estava deitada. - Como estão todos? Tenho muita pena de não ter podido ir esperá-los. O tio Alberto foi dar uma volta. Agora é melhor irem para cima, para se lavarem e mudarem de fato. Mas não se demorem, porque o chá está pronto.

Os rapazes dirigiram-se ao seu antigo quarto e a primeira coisa que fizeram foi abrir a janela que dava para a baía e de onde se gozava uma vista magnífica. Ana foi para o quarto da Zé, onde tinham posto mais uma cama para que as duas meninas dormissem separadas. Que agradável estar de volta a Kirrin! Que divertidas seriam estas férias com a Zé e o querido Tim.

## CAPÍTULO II

### A FAMÍLIA STICK

Foi uma beleza acordar na manhã seguinte no Casal Kirrin e ver o sol entrar a jorros pela janela e ouvir o longínquo ruído das ondas a baterem na extensa e agradável praia. Que sensação magnífica saltar da cama e poder ir logo admirar o mar tão azul e a bela Ilha Kirrin à entrada da baía!

- Vou tomar um banho antes do pequeno almoço! - exclamou Júlio, agarrando nos calções. - Vens, David?

- Pois então não havia de ir! - respondeu o irmão. - Chama as raparigas. Vamos todos! E assim fizeram, todos os quatro, com Tim a saltar atrás deles, a cauda a abanar, e a língua de fora.

Entrou na água com os outros e pôs-se a chapinhar à volta deles. A verdade é que a água estava mesmo boa para um banho matinal. Eram todos bons nadadores, mas Júlio e a Zé os melhores.

Quando saíram da água, enrolaram-se nas toalhas, esfregaram-se vigorosamente e tornaram a envergar as camisolas. Em seguida, famintos, tomaram o caminho de casa, precipitando-se para o pequeno almoço que os esperava. Ao chegarem a casa, Ana reparou num rapaz que estava no jardim e perguntou, surpreendida:

- Quem é aquele?

- É o Edgar, o filho da cozinheira Stick, - informou Zé. - Não gosto nada dele. Está sempre a fazer coisas estúpidas, como a pôr a língua de fora e a dizer palavrões.

Edgar parecia estar a cantar e Ana parou para tentar ouvi-lo. O rapaz, que parecia ter treze a catorze anos, cantarolava uma cantiga ridícula, em que se repetia muito o nome da Zé. A Zé corou.

- Está sempre a cantar aquilo para entrar comigo. Tem a mania que é esperto. Não posso ouvi-lo!

Júlio voltou-se para Edgar.

- Cale-se! Não tem graça nenhuma! Estúpido! Edgar não lhe deu ouvidos e continuou a cantar, com um sorriso alvar. Júlio deu um passo para ele e o rapaz meteu-se logo em casa.

- Não o poderei aguentar muito tempo, - disse Júlio, com uma voz decidida. - E nem sei como é que o aguentas, Zé! Não sei como ainda não lhe deste uma bofetada, um pontapé, ou não lhe arrancaste as orelhas ou qualquer coisa do



género! Foste sempre tão impulsiva...

- Bem! Na verdade ainda o sou, - interrompeu a Zé. - Sinto-me perder as estribeiras quando ouço aquele palerma a meter-se comigo e a dizer palavrões. Mas sabes que a mãe não tem estado bem e tenho a certeza de que, se me atirar ao Edgar, a Stick vai-se logo embora e a mãezinha é que teria de fazer todo o trabalho. Não seria justo. É por isso que tenho de me dominar e espero que Tim faça o mesmo.

- Bravo, Zé! - exclamou Júlio, com grande admiração pela rapariga, pois sabia como lhe era difícil dominar-se quando se irritava.

- Parece-me que vou agora lá acima ver a mãe para lhe perguntar se quer o pequeno almoço na cama - disse a Zé. - Fiquem aí com o Tim e segurem-no bem, sim? Se o Edgar tornar a aparecer é capaz de se lhe atirar ao pescoço.

Júlio agarrou o cão pela coleira. Tim começara a rosnar ao ver o rapaz e levantou o focinho como se procurasse encontrar-lhe o cheiro. Subitamente, à porta da cozinha, apareceu um cão, de aspecto sarnoso.

- Uf!!! - rosnou Tim, saltando para o outro cão. Como Tim era grande e possante, arrastou consigo o Júlio que se viu obrigado a largar a coleira. Tim atirou-se logo e o outro cão, latindo assustado, tentou meter-se de novo na cozinha.

- Tim! Vem cá! Não ouviste? - gritou o Júlio. Mas o Tim não lhe deu ouvidos. Estava atarefadíssimo em tentar morder as orelhas do outro, ou pelo menos parecia que era isso que tentava. O outro cão não cessava de ganir, a pedir socorro, e a Sra. Stick apareceu logo à porta com uma panela na mão.

- Chamem esse cão! - gritou ela, atirando com a panela a Tim, que, por se desviar a tempo, a fez acertar no outro cão que começou a ganir ainda mais.

- Pare lá com isso! - gritou Júlio ao ver a mulher abaixar-se para apanhar a panela. Ainda magoa os cães. Vem cá, Tim, Tim!

Foi então que Edgar apareceu, com uma expressão idiota no rosto. Apanhou uma pedra e ficou à espera de oportunidade para atirá-la ao Tim sem tocar no outro cão. Ana começou também a gritar.

- Não atire com essa pedra... Ouviu! Que rapaz tão mau! Ouviu? Se atirar...

No meio da confusão geral chegou o tio Alberto, muito irritado.

- Mas que vem a ser isto? Nunca ouvi tamanha barulheira em toda a minha vida!

Logo a seguir apareceu a Zé que correu imediatamente para o meio da

contenda para salvar o seu amado Tim. Meteu-se entre os dois cães e começou a puxar por Tim. O pai deu um passo em frente e chamou-a.

- Sai daí, Zé! Não sabes que é perigoso separar dois cães engalfinhados? Sai daí e vai-me buscar a mangueira!

Foi, porém, o Júlio quem correu para a torneira, a que estava ligada a mangueira, abrindo-a e apontando o jacto de água para os dois cães. Ao sentirem-se encharcados ambos pularam, cada um para seu lado, surpreendidos e assustados: Júlio estava muito próximo de Edgar e não conseguiu evitar que a mangueira se virasse de forma a encharcar também o rapaz, que, soltando um grito, se foi logo refugiar dentro de casa.

- Para que fizeste tu isso? - perguntou o tio Alberto, aborrecido. - Zé, prende imediatamente o Tim. Sra. Stick, não lhe disse já que não deixasse sair o seu cão da cozinha, sem estar preso? Não quero que isto volte a acontecer! E o pequeno almoço? Tarda como de costume!?

A Sra. Stick desapareceu na cozinha, a resmungar e a queixar-se, levando o cão consigo. A Zé com uma ar amuado, prendeu o Tim. Este deitou-se à entrada da sua casota de madeira, olhando a dona de um modo suplicante.

- Já te tinha dito para não armares sarilhos com aquele cão sarnoso, - disse-lhe a Zé, severamente. - Agora já viste o que aconteceu! O pai vai ficar mal disposto o resto do dia e a Sra. Stick ficou tão furiosa que certamente não faz bolos para o chá. E tudo por tua culpa!

Tim soltou um queixume e meteu a cabeça entre as patas. Era tão triste ver-se assim preso!... Mas ao menos mordera uma das horrendas orelhas daquele maldito rafeiro! Foram todos tomar o pequeno almoço.

- Desculpa-me ter deixado fugir o Tim - disse o Júlio à Zé. - Mas quase que me arrancou o braço. Não pude aguentar de forma alguma! Está fortíssimo, não está?

- Pois está, - respondeu a Zé, orgulhosa. - É um valentão. Se o deixássemos, podia comer o cão dos Sticks de uma vez. E o Edgar também.

- E a Senhora Stick! Todos! - acrescentou Ana. - Não gosto de nenhum deles.

O pequeno almoço foi bastante aborrecido, pois a tia Clara não estava presente e o tio Alberto, quando mal disposto, não era uma companhia muito agradável. Estava furioso com a Zé; e os outros também sofreram com isso. Ana quase que se arrependeu de terem vindo para o Casal Kirrin! Mas sentiu-se logo melhor ao pensar no dia que tinha à sua frente. Levariam alimentos e almoçariam na praia ou até, talvez, na Ilha Kirrin. O tio Alberto não iria com eles para lhes estragar o dia.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

